

" G A V A R E N T O "

de Melibra para crianças  
adaptação: Dilsar Messias

PERSONAGENS:

Arpação

Valério

Elisa

Cleto

Flore

Simão

Frozinha

Jaca

Mariana

Anselmo



ABERTURA

APRESENTADOR= Há muito, mas muito tempo atrás, havia na França um homem que gostava de contar histórias. Seu nome era Jean Baptista, mas todos o chamavam de Molière. Suas histórias eram muito engraçadas. E é uma destas que nós vamos contar aqui. É a história de um senhor muito rico e também muito pão-duro, chamado Arpagão. Este Senhor tinha dois filhos: Cleto, que, ao contrário do pai, era mão aberta. E uma filha, doce, meiga, suave, gentil e jeitosinha que se chama Elisa.



CENA I

(Elisa está no jardim, pensativa. Apanha uma flor, cheira-a inspirando exageradamente. Espreguiça-se)

ELISA- Sinto uma coisinha dentro de mim. Só eu sei o que é. Tem um perfume tão bom e não é uma flor. Voa leve, tem cor, mas não é uma borboleta. Canta como um passarinho ao meu ouvido, mas não é um passarinho. Então só pode ser uma coisa: o amor. (Sentta-se no poço) Como seria bom se ele chegasse. Eu ia dizer: sonho sempre contigo, tu és muito bonito. Olha, vou te contar um segredo, tu és o amor (Suspira). Mas, por que ele não chega, por que ele demora? Ai, que coisa, bem que ela podia cair do céu. (Valério, que a observava sobre uma árvore, apaixonado, desequilibra-se e cai, comicamente. Elisa, por sua vez, assustta-se, desequilibra-se também e cai dentro do poço) Ai, ui, que é isto? Tire-me daqui, por favor. Ai...

VALÉRIO- (Nervoso) Desculpe moça... eu só estava...

ELISA- Tire-me daqui!

VALÉRIO- Sim, espere... logo... (Apanha o balde que está preso a uma corda e alcança a Elisa que consegue sair do poço)

ELISA- (Saindo e recompondo-se com a ajuda de Valério) Ai, ui. Ora, seu desastre... (Olha para Valério, surpresa) É ele! Mas não é possível... do céu?

VALÉRIO- Ora, moça... eu estav... (os dois se olham longamente, em silêncio)

ELISA- Valério!

VALÉRIO- Elisa! (Os dois abraçam-se, demoradamente, cai a luz)

CENA II

(Arpagão entrando em casa. Olha para os lados, a fim de certificar-se que ninguém o observa. Retira de seu cinto sua bolsa, sacode-a rindo. Olha mais uma vez para os lados. Dirige-se a um canto da sala, onde, simulado em banco, está o baú onde guarda seus bens. Abre-o, depois nele o conteúdo de sua bolsa e acaricia-o contente)

ARPAGÃO- Riquinhas moedinhas. Que lindo barulhinho elas fazem. E quando são muitas, ficam ainda mais bonitinhas. E brilham mais.



(Ouve-se um assobio forte. Arpagão esconde rapidamente o cofre e dirige-se onde pensa ter vindo o assobio; do lado oposto aparece com um grande sorriso, Flexa)

ARPAGÃO- Quem está aí? É melhor responder. (Flexa esconde-se. Arpagão não vê ninguém) Ué?!? Acho melhor guardar as minhas moedinhas e esconder bem o meu baú. (Dirige-se ao baú, guarda rapidamente as moedas. Ouve-se outro assobio. Arpagão fecha rapidamente o baú assustado. Vai, temeroso, até o outro lado da cena; do lado oposto aparece, novamente, com um grande sorriso, Flexa) Vamos, apareça. Eu sei que tem alguém aí. (Certifica-se que não tem ninguém. Flexa se esconde) Só pode ser um ladrão. (Surpreso) Um ladrão?! Ai, minhas moedinhas. (Esconde bem o baú e nele senta-se aliviado) Ouve outro assobio) Vamos, seu ladrãozinho de uma figa. Apareça! (É estabelecido um jogo: Flexa assobia, desaparece e reaparece em outro lugar repetindo o assobio, mas sempre do lado oposto ao que se dirige Arpagão. Isto se repete cada vez mais rápido, até que os dois se encontram) Então era tu, ladrãozinho, cretino, estava querendo me roubar, hein? Confesse.

FLEXA- Eu, lhe roubar? Não senhor, isto é impossível. O Sr. esconde tanto todas as suas coisas.

ARPAGÃO- Venha cá. Diga: o Sr. não tem dinheiro guardado em casa.

FLEXA- E o Sr. tem?

ARPAGÃO- Eu disse que é pra ti me dizer que não tenho dinheiro aqui em casa porque eu não tenho mesmo, ouviu?

FLEXA- Que importa se o Sr. tenha ou não, dá o mesmo pra nós.

ARPAGÃO- Estás disfarçando, é? Pois bem, eu vou te revistar. (Revista-o)

FLEXA- (Resmungando) malditos sejam os avarentos.

ARPAGÃO- O que foi que tu disse?

FLEXA- malditos sejam os avarentos.

ARPAGÃO- Cala a boca, senão eu te dou com esta bengala.

FLEXA- Está bem, eu fico quieto, mas é contra a minha vontade.

ARPAGÃO- E agora me devolve o que tu me roubou.

FLEXA- Mas eu não roubei nada do senhor, é verdade.

ARPAGÃO- Tem certeza?

FLEXA- Tenho.



ARPAÇÃO- Está bem. Então vai para o diabo. Se eu te pego outra vez...  
(Flexa sai) Tenha muito cuidado. (B.O.)

CENA III

(Elisa e Cleto brincam, com fitas coloridas. Um enrola o outro em movimentos espontâneos, criando uma variedade de figuras)

ELISA- Tu também fostes fiagado?

CLETO- Como um peixe no mar.

ELISA- Quem é ela? Como é seu nome?

CLETO- Mariana. Amo esta moça, desde o dia em que a gente se encontrou por acaso, num passeio. Ela mora a pouco tempo neste bairro. É uma doçura. Ela é pobre, mora apenas com sua mãe.

ELISA- Tu a amas?

CLETO- Sim.

ELISA- Eu também estou amando.

CLETO- É um jasmin.

ELISA- Não, é um rio.

CLETO- Ou um pássaro...

ELISA- Voando no céu.

CLETO- É uma árvore...

ELISA- Cheia de frutas.

CLETO- Tem perfume.

ELISA- E que gostinho bom...

CLETO- Mas...

ELISA- Já sei. O nosso pai...

CLETO- É, eu tenho medo que ele não consinta.

ELISA- Nosso pai é tão...

CLETO- Ele nem se preocupa com a gente. Vive pensando em dinheiro. É um avaro. Está sempre de mau humor. E nós não podemos fazer nada sem a sua autorização.

ELISA- É verdade.

CLETO- Mas eu estou decidido, vou falar com meu pai sobre a namorada que escolhi. Se ele não der seu consentimento, vou embora desta casa, vou para outro lugar.



ELISA- (Os dois estão enredados) Já vi que estamos enrolados. (Os dois riam)

(Arpagão entrando com um saco de dinheiro, sorratamente.)

ARPAGÃO- Isto é muito dinheiro para guardar em casa, mas é muito melhor guardar num canto escondido, do que num cofre forte. Um cofre forte é um objeto muito muito a vista, é um chafariz aos lados e sempre a primeira coisa que procuram quando roubam uma casa. (Guardando em seu baú) Mas é uma grande quanti. Dez mil escudos!

(Entram Elisa e Cleto)

ARPAGÃO- Cêus! Acho que falei muito alto. Vocês estavam aí há muito tempo?

ELISA- Não, chegamos agora.

ARPAGÃO- E escutaram?

CLETO- O que?

ARPAGÃO- O que eu disse.

ELISA- Não.

ARPAGÃO- Se vocês escutassem, podem falar.

CLETO- Nós só queríamos conversar um pouco com o senhor.

ARPAGÃO- Eu estava apenas pensando com os meus botões. Feliz da pessoa que tivesse dez mil escudos para guardar em casa... Eu estou explicando para que vocês não pensem que eu tenho dez mil escudos em casa.

CLETO- Nós não nos metemos em seus negócios.

ARPAGÃO- Quem me dera eu tivesse dez mil escudos...

CLETO- Nós queríamos conversar...

ARPAGÃO- Seria muito bom se eu tivesse.

ELISA- Sobre um assunto...

ARPAGÃO- Bem que eu estava precisando de dez mil escudos.

CLETO- É sobre...

ARPAGÃO- Isto me arrumaria a vida e eu não me queixaria mais.

CLETO- Mas porque o senhor se queixa, todo mundo sabe que o senhor é bem rico.

ARPAGÃO- Eu, rico? Isto é mentira. Quem é o íbecil que anda espalhando?



ELISA- Calma, papai.

ARPAGÃO- Vocês ficam inventando estas estórias. Qualquer dia destes me assaltam pensando que eu estou cheio de moedas. (Elisa e Cleto fazem sinais um ao outro, para saber se devem falar e que vai fazê-lo) Eu acho que eles estão combinando me roubar... O que é isto?

CLETO- Nós estamos resolvendo quem vai falar primeiro com o senhor sobre um assunto muito importante.

ARPAGÃO- É? Pois eu também tenho um assunto para tratar com vocês.

CLETO- É de casamento que nós queremos falar...

ARPAGÃO- É exatamente deste assunto que eu também quero falar com vocês. De meu casamento e do casamento de vocês. Eu já fiz a escolha.

ELISA- Mas, papapai...

ARPAGÃO- Por que o susto?

CLETO- É que nós já fizemos a nossa escolha, e...

ARPAGÃO- Calma. Eu sei o que é bom para vocês. Não tem porque se queixar. Tu já viste por acaso uma moça chamada Mariana que mora bem perto daqui?

CLETO- Sim.

ARPAGÃO- Que te parece?

CLETO- Uma criatura linda.

ARPAGÃO- Seu rosto?

CLETO- Angelical.

ARPAGÃO- Seu jeito?

CLETO- Admirável.

ARPAGÃO- Não é um bom partido?

CLETO- É ótimo.

ARPAGÃO- Mas há um pequeno problema. Ela é pobre.

CLETO- Ora, meu pai, quando se trata de escolher uma boa companheira isto não deve ser preocupação.

ARPAGÃO- Não precisa exagerar, porque resta sempre a esperança de lucrarem sobre outra coisa.

CLETO- É.



ARPAGÃO- E, se em nada me prejudicar, vou casar com Mariapa.

CLETO- O que? O Senhor vai casar com...

ARPAGÃO- Isto. Vou casar com Mariana.

CLETO- O Senhor?...

ARPAGÃO- Sim, eu. Mas o que há?

CLETO- Nada, nada. Uma tontura, vou tomar um ar. (Sai)

ARPAGÃO- Os rapazes hoje em dia são tão frequentes. Mas vou falar agora o que resolvi sobre vocês. Para seu irmão arrumei uma viúva e para ti reservei um homem já maduro, de uns cinquenta anos e muito rico, o Sr. Anselmo.

ELISA- O Senhor se desculpe, mas eu não quero casar.

ARPAGÃO- (Imitando-a) A Sr<sup>a</sup> se desculpe, mas a sr<sup>a</sup> vai casar. Hoje à noite.

ELISA- Isto não acontecerá, meu pai.

ARPAGÃO- Isto acontecerá, minha filha.

ELISA- Não.

ARPAGÃO- Sim.

ELISA- Isto não é maneira de casar uma filha.

ARPAGÃO- É um partido que ninguém poderá deixar de aprovar.

ELISA- Eu aposto que ninguém aprovaria.

ARPAGÃO- (A Valério que entra) Olha quem chega, o nosso Valério. Quer aceitar-lo como juiz da questão?

ELISA- Aceito.

ARPAGÃO- Venha cá, Sr. Valério. Nós te escolhemos para que tu digas quem tem razão em um assunto: minha filha ou eu.

VALÉRIO- É o senhor, sem dúvida.

ARPAGÃO- Conheces a estória?

VALÉRIO- Não, mas sei que o sr. nunca erra.

ARPAGÃO- Esta noite, vou dar minha filha Elisa em casamento a um sr. muito rico e sério, e ela diz que não quer saber do casamento. O que me diz?

VALÉRIO- Eu digo que... ora... quero dizer que... o senhor tem razão, mas sua filha não está completamente errada.



ARPAGÃO- Esta oportunidade não deve ser deixada de lado. Por que o sr. - Anselmo se comprometa a casar com minha filha sem exigir dote.

VALÉRIO- Mas o sr. vê... a sua filha Elisa...

ARPAGÃO- Sem dote.

VALÉRIO- Há pais que pensam mais em seus filhos que em sua bolsa. (Valério senta num banco, Arpagão apressa-se em retirá-lo)

VALÉRIO- Dinheiro. Isto fecha muitas bocas.

ARPAGÃO- (Saíndo) Que belo rapaz. Como fala bem.

ELISA- Ficarias contente me vendo casar com Anselmo?

VALÉRIO- Deixa-me agir, Elisa. Não se deve discutir com seu pai de frente. Ganharemos a partida, sabendo agir.

#### CENA IV

(Noite. Arpagão está dentro do seu bañ, contando seu dinheiro)

Voz- (Em off) Patrão, Patrãozinho. Mestre Simão quer falar-lhe de um negócio.

ARPAGÃO- (Saíndo rapidamente) Mande esperar, mande esperar. Já vai, já vai...

SIMÃO- (Entrando) Queria lhe falar de um moço, que precisa de dinheiro, e precisa tanto que é capaz até de aceitar suas condições.

ARPAGÃO- E pode se confiar neste jovem que o sr. me recomenda?

SIMÃO- Não sei muita coisa sobre ele, mas dizem que sua família é muito rica, não tem mãe, e seu pai, muito velho, não dura mais que cinco meses. (Entra Cleto) Xii, como ela está apressada, como o sr. soube que o encontro era aqui?

CLETO- Mestre Simão?

ARPAGÃO- O que está acontecendo?

SIMÃO- É este o moço de que lhe falei.

ARPAGÃO- Então é tu que quer se arruinar, pedindo dinheiro emprestado?

CLETO- E o Sr. não tem vergonha de emprestar dinheiro e pedir o dobro da volta?

ARPAGÃO- Desapareça da minha frente, vamos, retire-se. (Cleto sai) É tu, idiota que trouxe meu próprio filho, ruai ruai (Simão foge)



CENA V

(Frozinha entrando, falando para o público)

FROZINHA- Meu nome é Frô. Mas todo mundo me chama de Frozinha, porque um dia eu era muito pequeninha. Neste mundo é preciso, antes de mais nada, saber viver.

FLEXA- (Entrando) Olá, Frozinha, que estás fazendo aqui?

FROZINHA- Estou tratando de negócios pra ver se ganho algum troquinho.

FLEXA- Pois então eu já vou lhe avisando logo, O dinheiro aqui é ca... re e raro.

FROZINHA- Estou vendo um caso para o Sr. Arpagão. E espero ganhar algu... ma recompensa.

FLEXA- Frozinha, eu acho que tu não conheces o sr. Arpagão. Sabe quem é ele? (Flexa pega alguns panos que tem a mão, caracteriza-se e começa a imitá-lo) Pois eu vou te mostrar. (Representando, utiliza Frô, caracterizando-a também)

A) O Sr. Arpagão só pensa em dinheiro.

B) O Sr. Arpagão é um homem duro.

C) O Sr. Arpagão é de todos os humanos o humano menos humano.

D) Pedir dinheiro a ele é feri-lo mortalmente.

(Arpagão vem vindo, resmungando)

FLEXA- (Recolhendo os panos e objetos) Hi! Ela vem vindo. Tchau Froz... zinha.

FROZINHA- Tchau!

ARPAGÃO- (Entrando) São uns miseráveis, uns monstros. Preciso tomar - muito cuidado. Muito cuidado.

FROZINHA- Pare aí! (Arpagão estatiza) Mas como está bem. Como irradia sa... ude. (Trabalhando o corpo de Arpagão, de forma brusca, como se ele fosse moldável) Esta cabeça sempre erguida. Este corpo - reto. O popô bem no lugar. Os ombros erguidos como um jovem.

ARPAGÃO- (Sem se mexer) É isto que eu já tenho sessenta anos.

FROZINHA- (Apertando-lhe a bochecha) Este rosto corado. (Arpagão geme, Frozinha aperta-lhe o nariz) Aqui está um sinal de longa vi... da. O sr. vai viver no mínimo cem anos. (girando-o) Não, no mínimo cento e vinte.

ARPAGÃO- (Um pouco tonto) Está bom. Está bom. Frozinha, tu tens alguma notícia do nosso negócio.



FROZINHA- Sim, as melhores.

ARPAGÃO- Então, conta.

FROZINHA- Falei com Mariana e sua mãe. Elas ficaram satisfeitas. E vou trazer a moça aqui esta noite.

ARPAGÃO- Escuta, Frozinha. Ela traz alguma coisa... um dote.

FROZINHA- Uma fortuna.

ARPAGÃO- Quanto?

FROZINHA- A moça come muito pouco, isto é muito importante numa casa. Também não gosta de vestidos caros, nem de perfumes ou jóias. Só aí, o sr. economizará uma fortuna.

ARPAGÃO- Mas pra mim não há lucro nenhum.

FROZINHA- O lucro virá com o tempo. Tem outra coisa, elas falaram que tem um tesouro, em outro país.

ARPAGÃO- É, mas tenho medo, ela é tão jovem, e eu...

FROZINHA- Oh! Não. Bem se vê que o sr. não a conhece. Ela adora homens velhos (molda novamente o corpo de Arpagão) Homens curvados - pelo peso da idade. Caminhando com dificuldade. Ela adora bengala, óculos, rugas. Tudo o que deixa um homem mais velho. Isto sim é que podemos chamar de homem. (Aponta Arpagão, bem mais velho, agora) O senhor é maravilhoso. Caminha, por obséquio. (Arpagão movimenta-se com dificuldade) Que corpo bem moldado, ágil e elegante. Tussa, vamos, tussa. (Arpagão tossa) Assim, o sr. fica com mais graça.

ARPAGÃO- Muito obrigado, muito obrigado, Frozinha.

FROZINHA- Senhor, eu tenho um pedido a fazer. (Arpagão recompõe-se)

ARPAGÃO- O que é?

FROZINHA- Eu tenho um negócio pequeno, e estou quase perdendo ele, por falta de dinheiro.

ARPAGÃO- Bem, eu vou ter que ir andando...

FROZINHA- Só o sr. pode me ajudar.

ARPAGÃO- Tenho muitas coisas pra fazer

FROZINHA- Não é muita coisa...

ARPAGÃO- Escutaste?

FROZINHA- Eu não escutei nada. Peço que o sr. não recuse...



FROZINHA- Sim, as melhores.

ARPAGÃO- Então, conta.

FROZINHA- Falei com Mariana e sue mãe. Elas ficaram satisfeitas. E vou trazer a moça aqui esta noite.

ARPAGÃO- Escuta, Frozinha. Ela traz alguma coisa... um dote.

FROZINHA- Uma fortuna.

ARPAGÃO- Quanto?

FROZINHA- A moça come muito pouco, isto é muito importante numa casa. - Também não gosta de vestidos caros, nem de perfumes ou jóias. Só aí, o sr. economizará uma fortuna.

ARPAGÃO- Mas pra mim não há lucro nenhum.

FROZINHA- O lucro virá com o tempo. Tem outra coisa, elas falavam que tem um tesouro, em outro país.

ARPAGÃO- É, mas tenho medo, ela é tão jovem, e eu...

FROZINHA- Oh! Não. Bem se vê que o sr. não a conhece. Ela adora homens velhos (molda novamente o corpo de Arpagão) Homens curvados - pelo peso da idade. Caminhando com dificuldade. Ela adora bigode, óculos, rugas. Tudo o que deixa um homem mais velho. Isto sim é que podemos chamar de homem. (Aponta Arpagão, bem mais velho, agora) O senhor é maravilhoso. Caminha, por obséquio. (Arpagão movimenta-se com dificuldade) Que corpo bem moldado, ágil e elegante. Tussa, vamos, tussa. (Arpagão tossa) Assim, o sr. fica com mais graça.

ARPAGÃO- Muito obrigado, muito obrigado, Frozinha.

FROZINHA- Senhor, eu tenho um pedido a fazer. (Arpagão recompõe-se)

ARPAGÃO- O que é?

FROZINHA- Eu tenho um negócio pequeno, e estou quase perdendo ele, por falta de dinheiro.

ARPAGÃO- Bem, eu vou ter que ir andando...

FROZINHA- Só o sr. pode me ajudar.

ARPAGÃO- Tenho muitas coisas pra fazer

FROZINHA- Não é muita coisa...

ARPAGÃO- Escutata?

FROZINHA- Eu não escutei nada. Peço que o sr. não recuse...



ARPAGÃO- Pois eu escutei. Estão me chamando lá dentro. (Sai rápido)  
Tchau, Frozinha.

FROZINHA- Que azar, ele fugiu. Mas eu não vou desistir, isto é que não.

GENA VI

(Arpagão comanda a limpeza. Três bonecos representam os criados: Palhinha, Merluza e Dona Cláudia)

ARPAGÃO- Isto, ao combate. Limpem direitinho. Ei, não esfrega muito, pq de gastar. Quem quebrar alguma coisa vai ser descontado. Ponham bastante água no vinho. Palhinha, não esqueça de botar o chapéu na frente desta mencha que tens no casaco, pra não aparecer. E tu, Merluza, lembra de teus fundilhos resgados, fica sempre de costas para a parede e de frente para os convidados. Esperem sempre que os convidados pegam, e nunca atendam ao primeiro pedido. (Os criados aumentam o ritmo da limpeza, envolvendo Arpagão) Calma, calma. Assim já está bem (tosses) Podem ir agora, podem ir. (chamando) Jaca! Jaca! Jaca!

JACA- (Entrando) É o cocheiro ou o cozinheiro que o sr. está chamando.

ARPAGÃO- O cozinheiro.

JACA- Então espere um pouco. (Sai e em seguida volta vestido de cozinheiro)

ARPAGÃO- Anda logo, não tenho tempo a perder.

JACA- (Voltando) Agora pode falar ao cozinheiro.

ARPAGÃO- Eu vou dar um jantar, hoje.

JACA- Que milagre...

ARPAGÃO- O sr. me dando dinheiro para fazer as compras...

ARPAGÃO- Dinheiro. Dinheiro. Dinheiro. Dinheiro. Uma só palavra, dinheiro. Parece que eles não tem outra coisa para dizer. Valério sempre pra diz: é hábil quem faz muito, com pouco dinheiro.

JACA- Se ele sabe o segredo, diz a ele que assumo desde já seu cargo de cozinheiro.

ARPAGÃO- Ora, cale-se. Diga apenas o que precisa.

JACA- Quantas pessoas vem jantar?



ARPAGÃO- Dez, mas devemos calcular por oito, porque onde comem oito, comem dez.

JACA- Precisamos então de... entrada, sopa, cinco pratos...

ARPAGÃO- Para, para. Tu queres alimentar uma cidade inteira? Está bem, deixa que eu peço ao Valério que é adepto aos meus princípios econômicos. Agora, Jaca, vai limpar minha carruagem. (Jaca - sai) De novo?

JACA- Espere só um momento. Já volto. (Voltando vestido de cocheiro) Agora pode falar ao cocheiro. O que o sr. dizia?

ARPAGÃO- Que é pra limpar a carruagem e preparar os cavalos.

JACA- Isto é impossível. Nossos cavalos nem andam mais de tanta fraqueza, de tanta falta de comida. Eles estão doentes.

ARPAGÃO- Está bem. Vou pedir a Valério que cuide disso.

JACA- Este Valério se sente sempre. Está sempre fiscalizando. Alguma coisa ele quer do senhor. Eu não quero nada. Depois dos cavalos, é do sr. que eu gosto. E fico zangado com o que dizem do sr.

ARPAGÃO- E o que dizem de mim?

JACA- O sr. não vai se zangar?

ARPAGÃO- Não, eu não vou me zangar.

JACA- Dizem que o sr. é avaro e ladrão...

ARPAGÃO- (Batendo Jaca com a bengala) E você é um idiota, vagebundo e malcriado. (Jaca foge)

(Arpagão entra com Mariana, introduzindo-a na casa)

ARPAGÃO- Desculpe-me moça se estou de óculos, mas é para poder ver melhor a sua beleza.

MARIANA- (Baixinho) Que homem chato.

ARPAGÃO- O que disse? (Entra Cleto) Eis que choga meu filho, para cumprimentar sua futura madrastra.

MARIANA- É ele? Oh! Meu Deus.

ARPAGÃO- O que?

MARIANA- Não é nada. (Estendendo a mão a Cleto) Boa... Tudo...



CLETO- Estou surpresa com este casamento, minha senhora, Meu pai não podia ter escolhido melhor, fico feliz por poder vê-la, e, ao mesmo tempo, infeliz por saber que será minha madrinha,

ARPAGÃO- Mas que rapaz irritante,

MARIANA- Se o sr. fica infeliz por me ver como madrinha, acredito, eu também sinto o mesmo por vê-lo como enteado,

ARPAGÃO- Vocês não querem mudar de assunto?

CLETO- Está bom, está bom, A srª viu um diamante mais bonito do que este que meu pai usa no dedo?

MARIANA- Não, como brilha,

CLETO- (Tirando do dedo de Arpagão, ignorando a resistência desta) Com licença, (Oferecendo a Mariana) Pode ver mais de perto,

MARIANA- Como é bonito,

CLETO- Pode ficar com ele, é um presente de meu pai, (Arpagão gela, tenta evocar, Cleto insiste, desfergando)

MARIANA- Oh, não, eu não posso aceitar,

ARPAGÃO- (Baixinho) Tu estás louca?

CLETO- (Traduzindo os recuos de Arpagão) Ele pede que a srª aceite,

MARIANA- Mas eu não posso, (Arpagão gela)

CLETO- Meu pai me proibiu de receber a jóia,

MARIANA- Mas...

CLETO- (A Arpagão que não consegue mais se conter) Ciu como ela está ficando braba, Não é minha culpa, é ela que não quer, meu pai,

ARPAGÃO- Traidor,

CLETO- Agora ele está irritado comigo só porque a srª não quer aceitar

MARIANA- Está bom, acho que não tem outro remédio, Para não irritá-lo eu aceito,

ARPAGÃO- Filho traidor, Por que ele está querendo me arruinar? (Sai)

MARIANA- Oh! Cleto, não aguento mais esta situação,

CLETO- Mas eu, Mariana, mas tem que haver um jeito... (Abre a porta)

ARPAGÃO- (Voltando) Então era isto, é? Tem coragem de queixar-se de mim se eu quero, Hum! Hum! (Todos fogem)



(Arpagão sai perseguindo Mariana e Glória. Flexa entra sorratamente, certifica-se da ausência de Arpagão. Abre o baú e retira o di nheiro - saindo rapidamente)

ARPAGÃO- (Voltando) Ah, Meu filho, Meu próprio filho, Tramando contra mim. Mas eu vou deserdá-lo. (Nota que seu baú está aberto)  
Não! O que foi que aconteceu? (Certifica-se que foi roubado)  
Ladrões, ladrões. Estou perdido. Roubaram o meu dinheiro, meu querido dinheiro. Quem fez isso? Devolva meu dinheiro, me dê... devolva. (Agora o próprio brago) Ah! sou eu mesmo. Meu pobre dinheiro, meu querido dinheiro, seu grande, seu adorado amigo. Perdi minha alegria. Se eu não encontrar meu dinheiro eu morro. (Valério entrando) Valério! Descobri! Eu descobri!

VALÉRIO- O sr. descobriu?

ARPAGÃO- O homem não crudia. Mas tirem sempre aquilo que mais amamos.

VALÉRIO- Já que o sr. descobriu, não deve negar.

ARPAGÃO- (Surpreso) Será que acertei, sem querer? Vamos, pode confessar o teu crime.

VALÉRIO- Eu ia confessar ao senhor, mas já que o sr. descobriu...

ARPAGÃO- Por que fizeste isso, por que me roubaste?

VALÉRIO- Por amor.

ARPAGÃO- Amor ao dinheiro

VALÉRIO- Não, senhor. Não foi amor ao dinheiro.

ARPAGÃO- Deixa de conversa, e se devolva o que se roubaste.

VALÉRIO- O sr. chama isto de roubo?

ARPAGÃO- É um outro nome? Um tesouro como este.

VALÉRIO- É um grande tesouro. Mas saiba o sr. que sua filha é inocente, eu sou o único culpado.

ARPAGÃO- Que tem minha filha a ver com isto?

VALÉRIO- É que ontem, nós prometemos nos casar.

ARPAGÃO- Não! Outra desgraça. Além de ladrão, sedutor. Vou te processar.

ELISA- Meu pai, em nome do amor, pego...

ARPAGÃO- Então a minha filha ama um ladrão. Eu que ensinei com todo carinho (Pigarroia) Vou te mandar para um convento!



CENA VII

FANFARRAS, ENTRA APOTEOTICAMENTE O SR. ANSELMO,

ANSELMO: (SORRIDENTE) Alô, alô! Como vão todos? Minhas senhoras, meus senhores, neste momento... (Elisa abraça-se a Valério, chorando.) (Arpagão tenta impedir.) Mas o que está acontecendo? (Elisa retira-se.)

ARPAGÃO: Oh! Sr. Anselmo, como me sinto feliz! Pois não é que este traidor que o Sr. está vendo, roubou o meu dinheiro e minha filha.

VALÉRIO: Não cometi nenhum crime, eu apenas estou apaixonado por sua filha.

ARPAGÃO: Cabe ao Sr. também, tomar suas atitudes, Sr. Anselmo, afinal minha filha estava destinada ao sr.

ANSELMO: Jamais me casaria à força. Mas estou aqui também para defender os interesses de um amigo.

VALÉRIO: Vocês não sabem com quem estão falando. Saibam que eu sou de uma família nobre, de Nápoles.

ARPAGÃO: Pouco me importa quem é o Sr.

ANSELMO: Cuidado rapaz! Eu conheço toda a cidade de Nápoles.

VALÉRIO: Então o Sr. deve ter ouvido falar de D. Tomaz.

ANSELMO: Conheço sim e muito.

ARPAGÃO: Eu não estou interessado em D. Tomaz ou D. Quixote. (Vendo duas velas acesas apaga uma. Mariana entra.)

VALÉRIO: Pois eu sou filho de D. Tomaz.

ANSELMO: Rapaz, brincadeira tem hora. Que provas podes dar de que isto é verdade?

VALÉRIO: Este bracelete de ágata que minha mãe colocou no meu braço quando partimos.

MARIANA: Pelas suas palavras eu afirmo que o que ele diz é verdade e eu sou sua irmã.

VALÉRIO: Tu és minha irmã?

MARIANA: Meu cotação me avisou, desde que você começou a falar. Nossa mãe me contou mil vezes nossas aventuras, desde o naufrágio até o dia em que viemos parar neste lugar.

ANSELMO: É um milagre! Um milagre! Beijem-me meus filhos. Eu sou D. Tomaz sou o pai de vocês, que Deus salvou das ondas.



ARPAGÃO: Ele é seu filho?

ANSELMO: Está provado que é.

ARPAGÃO: Então o sr. fica responsável pelo dinheiro que ele me roubou.

VALÉRIO: Eu não roubei dinheiro nenhum.

CLETO: Calma meu pai. Não foi ele quem roubou. Descobri onde está o dinheiro.

ARPAGÃO: Onde está ele?

CLETO: Só direi onde está, se o sr. deixar que eu me case com Mariana.

ARPAGÃO: Não tiraram nada?

CLETO: Não. Vou lhe entregar como estava.

ANSELMO: Vamos, Arpagão, não negue a estes jovens a felicidade.

ARPAGÃO: Eu não quero saber da felicidade! Quero o meu dinheiro!

CLETO: Aqui está.

ARPAGÃO: Meu dinheirinho! (Acaricia-o. Todos comemoram) E quem vai pagar as despesas do casamento?

ANSELMO: Pode deixar por minha conta.

CLETO: Ah! outra coisa. O sr. se lembra da viúva, que o sr. queria que eu casasse? (Arpagão assente com a cabeça) Pois ela veio falar com o sr. e diz que está disposta a casar. (Aparece a viúva, feia e velha e se dirige a Arpagão apaixonada.)

ARPAGÃO: Não, não. (Pega o saco do dinheiro e foge, a viúva o persegue. To dos riem.)

VIÚVA: Vem cá, meu amor! Vem me dar um beijinho. Vem queridinho! (Diminua a luz, ficando o foco apenas no narrador.)

NARRADOR: Esta foi a história de Arpagão, o avarento. Encontrou seu tesouro, sem abrir a mão. Casou muito bem os seus filhos e perdeu Mariana. Mas para este avarento, nem os mais belos olhos do mundo possuíam o brilho das moedas de ouro. (B.O.)

FANO.

